

METAMORFOSES

13.1



Cátedra Jorge de Sena para Estudos Luso-Afro-Brasileiros



A Revista *Metamorfoses* é editada pela Cátedra Jorge de Sena para Estudos Literários Luso-Afro-Brasileiros, criada em 1999, no Departamento de Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro e dirigida por um Conselho de Administração assim constituído, na gestão 2014-2016:

Regente: Luci Ruas Pereira

Substituto eventual: Eduardo dos Santos Coelho

Representantes de Literatura Portuguesa: Luci Ruas Pereira, Teresa Cristina Cerdeira, Ângela Beatriz de Carvalho Faria e Sofia de Sousa Silva

Representantes de Literatura Brasileira: Eduardo dos Santos Coelho, Eucanaá Ferraz, Anélia Pietrani e Maria Lucia Guimarães de Faria

Representantes de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa: Carmen Lúcia Tindó Ribeiro Secco e Teresa Salgado

Eméritas: Cleonice Berardinelli, Marlene de Castro Correia e Gilda Santos

Endereço para correspondência:
Revista Metamorfoses/Cátedra Jorge de Sena
Faculdade de letras/UFRJ
Cidade Universitária – Ilha do Fundão
CEP: 21941-590 Rio de Janeiro – RJ – Brasil
E-mail: catedrajorgedesena@gmail.com

METAMORFOSES

13.1

Comissão Editorial

Anélia Pietrani, Carmen Lúcia Tindó Ribeiro Secco,
Cleonice Berardinelli, Gilda Santos, Luci Ruas Pereira,
Maria Lúcia Guimarães de Faria, Marlene de Castro Correia,
Mônica Genelhu Fagundes, Sofia de Sousa Santos,
Teresa Cristina Cerdeira, Teresa Salgado.

Conselho Editorial

Alfredo Bosi, Ana Mafalda Leite, Benjamin Abdala Júnior,
Davi Arriguci Jr., Eduardo Lourenço, Ettore Finazzi-Agró,
Flávio Lureiro Chaves, Francisco Cota Fagundes,
Godofredo de Oliveira Neto, Helder Macedo, Helena Buescu,
Inocência Mata, Isabel Pires de Lima, Ivo Barbieri,
Laura Cavalcanti Padilha, Leyla Perrone-Moysés, Maria Alzira Seixo,
Maria Irene Ramalho, Ronaldo Menegaz, Russel Hamilton, Vilma Arêas

Edição deste número

Luci Ruas Pereira



Revista patrocinada pela Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa

Sumário

- 7 Nota Editorial
por Luci RUAS

O SÉCULO XIX – DO ROMANTISMO AO FIM-DE-SÉCULO

- 13 Monica FIGUEIREDO
Todas as novelas de amor são ridículas.
Não seriam novelas camilianas se não fossem ridículas
- 21 Otávio Rios PORTELA
História dum Palhaço, de Raul Brandão:
o despertar de personagens sem aura
- 34 Isabel Pires de LIMA
Eça, o realismo e a pintura: “Uma prosa como ainda não há!”
- 49 Vítor VIÇOSO
A literatura portuguesa (1890-1910) e a crise finissecular

DO MODERNISMO À ATUALIDADE

- 73 Eduardo LOURENÇO
Pessoa ou o eu como ficção
- 79 Manuela SANTOS
Inês de Castro em *Invenção*
- 92 Mônica Genelhu FAGUNDES
De leques e viraventos: metáfora e montagem em dois romances
de Mário Cláudio
- 100 Luci RUAS
Lisboaleipzig – Música e literatura em fulgor narrativo

- 111 João Camillo PENNA
A experiência da violência
- 126 Laeticia Jensen EBLE
Literatura marginal/periférica e *hip-hop*: Um olhar sobre a voz poética
de Zinho Trindade
- 140 André Corrêa de Sá
Grogotó!, de Evandro Affonso Ferreira: como narrar a cidade com
palavras sonoras?
- 147 Veronica Prudente COSTA
Muraida e seus (des)encontros com os *Lusiadas*

LER E DEPOIS

- 171 Filipe Delfim SANTO
Correspondência 1943-1977
- 178 Maria Teresa SALGADO
OS PEPPINI

NOTA EDITORIAL

Apresentamos mais um número da revista *Metamorfoses* – o 2013.1 - que chega ao público com o propósito de difundir a literatura dos países de língua portuguesa, contemplando, assim, as três áreas que integram a Cátedra Jorge de Sena para estudos luso-afro-brasileiros.

É possível dizer, não sem um toque de humor, mas com muita consciência do que se diz, que o Século XIX é muito maior do que ele mesmo poderia ser. Decerto há razões para isto ao considerarmos, com Eça de Queirós, a “enorme civilização” e suas conquistas, seja no campo das letras, das ciências em geral, da filosofia, da história, da psicologia, da antropologia, da psicanálise, entre outras formas de conhecimento. O mundo assiste a movimentos libertários, provocados pelas ideias da revolução francesa. As indústrias se desenvolvem, promovendo o progresso; as cidades tornam-se grandes centros. Consolida-se o acesso da burguesia ao poder público. O século XIX, com toda a sua complexidade, prepara o terreno para o século XX.

Os trabalhos apresentados por Monica Figueiredo, Isabel Pires de Lima, Otávio Rios e Vítor Viçoso contemplam autores e momentos decisivos da cultura portuguesa na segunda metade do século XIX. Tomando por mote o verso pessoano segundo o qual “Todas as cartas de amor são ridículas”, Monica Figueiredo debruça-se sobre a obra camiliana, para demonstrar como o autor do *Amor de perdição* “foi capaz de unir polos até então inconciliáveis, numa conjugação diabólica que atou, através das linhas ficcionais, o riso galhofeiro e o sublime amoroso”. Isabel Pires de Lima, ao abordar a obra de Eça de Queirós, visa à aproximação entre o escritor e o pintor, demonstrando que a plasticidade de sua prosa realiza “aquilo que o seu Fradique Mendes, diletante finissecular desencantado de quase tudo, incluindo do poder da palavra para enformar o pensamento e a realidade, perseguia: ‘uma prosa como ainda não há!’. Otávio Rios apresenta ao leitor a obra de Raul Brandão, objeto de sua tese de doutoramento defendida em 2012, aqui representada pelo estudo d’ *A morte do Palhaço*, obra “descontínua, fragmentária e catastrófica” que “permite observar de que forma se delineia um paradigma narrativo que se afasta dos ideais positivistas do século XIX e aproxima-se, paulatinamente, do conceito benjaminiano de ruína”. Como um fecho para esta primeira seção, Vítor Viçoso discorre sobre a crise finissecular nesse estudo que “é uma síntese das obras e autores de tendência simbolista e da sua relação opositiva com a escrita naturalista, numa conjuntura de profunda crise coletiva”.

O século XX apresenta-se com suas múltiplas tendências e correntes de pensamento. Se, por um lado, aprofundam-se as questões problematizadas nas várias áreas do conhecimento, por outro lado acirram-se os conflitos que resultaram nas duas grandes guerras, na guerra fria, nas guerras coloniais, nos regimes totalitários de tão má lembrança, ao mesmo tempo em que se avolumam as discussões em torno da questão democrática. Por isso mesmo, o século XX teve de repensar a ética, uma vez que problemas de toda ordem, nascidos das crises que abalaram o século, dos conflitos de ideias e das múltiplas contradições que marcaram o nosso tempo exigiam novos comportamentos, novas atitudes. Iniciado o século XXI, novos e velhos problemas insistem em promover novos conflitos, novas velhas formas de promover desigualdades em todos os domínios das relações humanas e sociais, novas formas de exclusão. Como não pode deixar de ser, a literatura reflete e faz refletir sobre essas grandes questões que atingem a humanidade, além de dobrar-se sobre o seu próprio fazer-se e estabelecer o diálogo fecundo com outras formas de arte.

A seção da revista dedicada aos séculos XX e XXI, tem como ponto de partida o ensaio de Eduardo Lourenço (traduzido por Teresa Cerdeira). Seu objeto tantas vezes magistralmente revisitado é a poética pessoana e a problemática do eu como ficção. Segue-se o artigo de Manuela Santos, que se interessou em Portugal por um poeta brasileiro – Jorge de Lima – e fez da *Invenção de Orfeu* objeto de sua tese de doutorado, aqui apresentada em suas múltiplas conexões com outras obras, a partir das quais pode reinventar e tornar presente a mítica figura de Inês de Castro. Mônica Genelhu Fagundes propõe uma leitura comparada de obras de Mário Cláudio com a finalidade de “desvendar o sentido metafórico e a função estrutural” que determinados signos assumem na narrativa. Na sequência, Luci Ruas apresenta uma leitura crítica de dois livros de Maria Gabriela Llansol, fazendo sobressair o diálogo entre literatura e música na composição textual. Marcelo Pacheco dá à leitura parte de sua tese de doutorado, ao analisar um conto de Isabel Cristina Pires, partindo da convicção “de que as personagens que transitam nesse conto não são hábeis para elaborar leituras a propósito do meio urbano e do contexto político em que se desenvolvem as ações do conto”. Com João Camillo Penna debruçamo-nos sobre a experiência da violência na literatura brasileira contemporânea a partir da discussão da forma testemunho. Com Laécia Jensen Eble nosso olhar acompanha a literatura marginal periférica na voz poética de Zinho Trindade. O ensaio de André Corrêa de Sá centra-se no estudo livro *Grogotól*, de Evandro Affonso Ferreira, um conjunto de 74 narrativas curtas, “de minuciosa construção sonora e quase sempre com uma nota de humor, que põem em ação as vidas precárias de indivíduos vulgares, destruídos pela memória e pela solidão”. A seção fecha-se com Vanessa Ribeiro Teixeira, cujo estudo objetiva a discussão do “processo literário de reconfiguração histórica” em obras do escritor angolano Ungulani Ba Ka Khosa.

Fecha a seção de ensaios o trabalho de Verônica Prudente, cujo olhar se debruça sobre o século XVIII, período decisivo para a formação da literatura e da cultura brasileira. Este ensaio deriva de sua tese de Doutorado, em que estabelece contrapon-

tos entre o colonizador e o colonizado, no poema épico *Muraida*, de Henrique João Wilkens, militar a serviço da Corte portuguesa que se estabeleceu na Amazônia com a finalidade de dominar o povo Mura. Privilegia em sua análise “a imagem construída sobre o índio Mura a partir das tensões, convergências e divergências entre este épico e o mais importante texto de viagens da Literatura Portuguesa, *Os Lusíadas*, de Camões”.

Em *Ler e Depois*, duas resenhas apresentam-nos livros recentemente publicados, um sobre o romance *Os Peppini*, outro sobre a correspondência entre Jorge de Sena e João Gaspar Simões.

Acreditamos que este número, tal como os anteriormente publicados, responda às expectativas do público e encerramos este editorial com os agradecimentos a todos quantos colaboraram conosco para a sua realização.

Luci Ruas